

O HERALDO

Editor,
JOSE MARIA DOS SANTOS

ANTIGO "JORNAL DE ANNUNCIOS"

Composição e Impressão,
TYPOGRAPHIA BUROCRATICA

IMPrensa

Um dos principaes e tambem dos mais tristres aspectos que resultaram d'essa dissidencia politica que parece ter levado ao delirio da razão as hostes liberaes do batibarbismo consiste na violenta e desenfreada perseguição de que tem sido victima a imprensa de Lisboa e Porto, com simples excepção da que bajula miseravelmente a autocracia do actual governo. Nunca a imprensa de Portugal foi tão perseguida e amordaçada, como n'estes ultimos dias, sendo poder um partido que se apregôa de liberalissimo e que ainda ha pouco, na opposição, levantou barricadas contra um outro governo que sobre a imprensa exerceu o mesmo systema de perseguições, embora com menos sanha e muito menos atropelo.

Apezar dos remendos com reclame de liberalismo que lhe tem deitado estadistas das diversas matizes politicas a nossa lei de imprensa não satisfaz ás exigencias d'uma classe que deve impôr em vez de se submeter e quando isso não bastasse, ainda ella é atropelada escandalosamente com o autocratico regimen da censura prévia.

Mais ou menos, a imprensa afina pelo mesmo diapason no côro de censuras contra este estado de coisas. Exceptuamos, é claro, os órgãos officiosos, que esses são um simples echo do poder. . . echo, para não lhe chamarmos outra coisa.

A esse afan de protestos, mais ou menos violentos, mas sempre justos, responde o governo augmentando o numero de querellas, ordenando o seu rapido andamento, finalmente, apertando cada vez mais os orificios do crivo por onde joeira o que diariamente por ahi se escreve.

Não ha, pois, um simples proposito de repressão, ha sobretudo a revelação do mais selemne desprezo pela instituição respeitavel da imprensa.

Antes de mais nada, contra esse desprezo, e como simples desabafo, lavramos nós desde já o nosso vehemente protesto, comquanto saibamos que elle tem tanto de sincero como de inutil.

O governo erra palmarmente no caminho que segue. Um governo que teme a imprensa é porque tem a consciencia de que prevarica e quer inutilisar o inimigo que o desmascara. Um governo que conscienciosamente prevarica, exacto-mente, e d'esse perdimento de prestigio vem, após o descredito immediato, a consciencia popular insinuar ás massas processos que podem ser terriveis.

Parece paradoxal que um governo tenha medo e ao mesmo tempo manifeste desprezo pelo espectro que lhe causa horror.

O certo é que, sendo unisonos os protestos contra o abuso de que é victima a imprensa, o governo, longe de attender as justas reclamações do jornalismo, exerce pressão, além da que a lei já encerra, sobre os seus subordinados, para que sejam incançaveis e pressurosos...

Dar-se-ha o caso que, debaixo d'esta apparencia despotica, haja a lucida consciencia dos verdadeiros homens liberaes, e que o fim—que seria então magnanimo—de tanta repressão, de tão implacavel perseguição contra os fóros da imprensa livre, tenha em mira simplesmente provocar mais rapidamente a reacção e o accordar deste amollentado povo?

Talvez não... No entanto, o tempo presente é mau, por melhor que se nos antolhe o futuro... que, aliás, bem caliginoso e indeciso se nos afigura.

E será o governo o unico culpado d'esta vergonha a que nos sujeitam?

Não, evidentemente! Tambem o é a propria imprensa, desunida, ciu-mosa, cuidando mais dos seus interesses particulares de que dos da collectividade ou do Paiz.

N'esta epocha egoista, de encarniçada *lucta pela vida*, a nada se attende senão á ávida ancia de supplantar o *official do mesmo officio*, quando se não lhe prepara a ruina.

Mal vae assim a imprensa. Deixando perder os ultimos reductos da sua incontestavel força, occasião virá em que queira emendar a mão e já não seja tempo . . . por terriveis desgraças terem já destruido o pouco que nos resta de povo . . . livre.

ECHOS

No seu ultimo numero insurge-se tambem o nosso collega ablatino da capital do districto contra a violenta perseguição de que tem sido victima a imprensa e todo se enfada por ser isso *ordenado pelo homem que ainda ha pouco se dizia liberal de quatro costados e affirmava ser um apostolo intransigente da liberdade de imprensa*.

A respeito de inconherencias na opinião dos diversos estadistas portuguezes que geralmente pregam na opposição o que nunca fazem quando poder, aconselhamos o *Sul* a que se reserve. E isto porque quem melhor bate o *récord* d'essas divergencias de opinião é lá o chefe da egrejinha ablativa.

Ora ahi está: o *Sul* a fallar de perseguições á imprensa é o mesmo que fallar de corda em casa de enforcado. E senão veja-se n'este espelho que o dr. João de Menezes acaba de pôr diante dos olhos ablativistas:

«Lisboa, 17.

Pois que a liberdade corre o perigo de morrer suffocada pelos abraços enternecidos do sr. João Franco—á ultima hora defensor do reino e das candidaturas republicanas—recordemos, n'esta hora amarga de perseguição á imprensa, que a censura prévia continuá a florescer, demonstrando que o sr. João Franco fez boa sementeira reaccionaria enquanto foi dictador. Porque, não o esqueçam as almas piedosas, tão promptas em perdoar aos monarchicos, a censura prévia começou a exercer-se quando o sr. João Franco,

dictador omnipotente, governava este paiz com aquelle espirito de ternura e de justiça que distingue os regulos africanos.

Lembro-me ainda dos tempos em que Alves Correia, dirigindo o seu jornal «O Paiz», andava n'uma dobadoura da redacção para a Parreirinha, com as provas dos seus artigos. Muitas vezes, ja passado meio dia, o jornal esperava a ordem do juiz para circular—o apêde correrá sacramental.

Correios perdidos, assignantes despedindo-se, annunciantes reclamando a impotencia dos annuncios—um prejuizo terrivel a que o dictador não attenia e que alguns jornaes—tambem é bom lembrar—applaudiam.

Applaudiam?! Sim. E mais ainda—varias vezes esses jornaes incitavam a policia a que apprehendesse os periodicos republicanos.

E' a recordação d'estes factos que me conduz agora a ler com indifferença os protestos contra a censura prévia. Porque não acredito que a censura venha a acabar.

Pelo contrario: a imprensa exceptuando os jornaes republicanos e algum raro jornal monarchico, pouco se importa com a censura. Não a tem certos jornalistas (?) porque só escrevem o que os donos lhes mandam escrever. e esses donos são os auctores ou socios dos auctores das leis e actos de repressão.

Outros não se importam com a censura, porque prejudicando ella certos jornaes, prejudica, em ultima analyse, concorrentes.

Com a solidariedade da classe jornalística em Portugal é impossivel contar. Mesmo porque de certos individuos, a solidariedade seria um mal e um elemento de descredito.

O melhor será apurar d'entre todos os jornaes portuguezes quaes os que estão dispostos a manter a dignidade da imprensa. Depois, esses jornaes dirão da sua justiça. Começando, naturalmente por explicar ao publico o valor moral e intellectual dos que aceitam sem protesto, indifferentemente, ou com applauso, a censura prévia inaugurada pelo sr. João Franco e continuada pelos outros «liberaes».

Ora chuche, que é canna doce.



JOÃO LUCIO

E' sempre para nós tarefa de sincero agrado registar os triumphos de que são alvo alguns comprouvianos, sobretudo d'aquelles a que nos prendem laços de velha amizade ou affectuosa camaradagem. E' assim que hoje temos o prazer de alludir a João Lucio, o illustre algarvio que aos merecidos triumphos que já brilhantemente esma-tam a sua vida de estudante, de poeta e de advogado tem agora a juntar a sua auspiciosa estreia de orador politico que mais uma vez o tornou credor de justos e vehementes applausos a par de inequivocas provas de sympathia e deferencia.

Teve essa estreia lugar n'uma sessão commemorativa que ha dias se effectuou no *Centro Regenerador Liberal* em Lisboa e onde João Lucio, de companhia com alguns dos mais evidentes tribunos d'aquelle partido politico, pronouciou um eloquente discurso onde fez resaltar o relevo de arte e elevação de pensamento que tanto enriquecem e superiorizam as suas orações.

A essa estreia se refere o *Diario Illustrado* em termos de subido apreço e que traduzem bem a impressão de intenso agrado com que a assistencia recebeu a sua excellente predisposição oratoria.

A circumstancia de João Lucio militar n'um partido politico que jugamos não poder corresponder aos desejos de perfeição moral que o poeta sente e quer, não obsta a que nos dê muito prazer a consideração e apreço que justamente merecem as suas qualidades intellectuaes e a que o abraçamos cordalmente pelos seus triumphos.



Ainda não ha muitos dias o sr. Frederico Ramires mandava annunciar pelo seus arautos em tom de severa recriminação:

«que governo moralizador e honesto era o que *desviava* dos cofres publicos quantias de 12 contos para construcção de avenidas...»

Para construcção de *avenidas*... Como quem diz: de *bugigangas*, de *bagatelas*. E *desviava-se*... os leitores comprehendem bem o que significa este verbo quando attribuido a cofres de dinheiro.

Pois agora, apenas 15 dias passados, já o sr. Frederico Ramires nos manda dizer de novo:

«que viu quanto era util para Tavira a construcção da avenida e que até patrocinou o pagamento...»

O quê?! Pois o sr. Frederico Ramires tambem patrocina *desvios* nos cofres publicos?



«FRANCISCO MYSTERIO»

Concede-nos hoje a subida honra da sua collaboração o intelligente escriptor que desde ha muito enriquece a litteratura portugueza com o pseudonymo feliz de *Francisco Mystério*.

Conhece-o e aprecia-o de ha muito a roda sellectionada dos verdadeiros litteratos portuguezes.

Para a farandulagem litteraria é que talvez este pseudonymo não esteja muito em evidencia, mas isso constitue certamente o melhor titulo de superioridade intellectual e artistica do nosso novo collaborador. N'uma epocha em que a cretinagem das letras impa de censôra e mercantilisa as reputações e as glorias, ser apregoado e trombetado por ella é um reclame que suja e desvalorisa emquanto que ser-lhe desconhecido é um titulo que honra.

Francisco Mystério forma muito modestamente n'uma pleiade de litteratos illustres, pleiade já velha, é verdade, mas ainda muito luminosa de espirito.



Começaram os trabalhos para o empedramento do lanço da estrada districtal que deve ligar Villa Real de Santo Antonio com Castro Marim; mas... a empreitada chega apenas a meio do caminho—fica aquem do monte e fazenda da Leziria que é pertença do sr. João Celorico, antigo e valioso correligionario do nobre conselheiro. Seria isto intencional para mollestar aquelle cidadão, de ha muito desligado do sr. ex governador civil? Para que serve aquella parcela de melhoramento?



A *Educação Nacional*, considera da revista pedagogica do Porto; transcreve no seu n.º 450 uma noticia que aqui publicamos sobre o methodo de leitura de João de Deus e acompanha essa transcripção de considerações que julgamos desc-bidas porquanto explicar um methodo não é impol.

Profformar algum do Algarve pode affirmar que o actual sub-inspector lhe impõe este ou aquelle livro, este ou aquelle methodo.

O de João de Deus, principalmente, não precisa de protecções; impõe-se por si. Comprehendelo é preferil o, em contrario do que succede com tantas obrinhas que por ahi correm.



No fim do corrente anno a *Livreria Classica Editora* dará a publico uma nova edição, muito augmentada, do *Inventario de Junho*, o excellente livro de M. Teixeira Gomes.

José Francisco Teixeira d'Azevedo
ADVOCADO
Largo da Graça, 82—1.º—Lisboa

A MASCARA

A. C. Lyster Franco

Havia muito tempo que aquella singularidade continuava a preocupar-me, a aguçar-me a curiosidade.

Sempre que entrava no gabinete do doutor, meus olhos voltavam-se instinctivamente para o mesmo sitio para se fixarem n'uma grande mascara de cartão, collocada na parede, quasi occulta entre quadros com diplomas, animaes empalhados, laminas de physiologia, instrumentos cyurgicos e outros adornos proprios do consultorio d'um medico.

Um dia, por fim, em quanto esperava que o doutor acabasse de jantar, não pude vencer a curiosidade e acerquei-me do sitio onde a mascara estava pendurada, para a contemplar á vontade.

Tinha a expressão exaggerada do riso; os grossos labios pintados de carmin arqueavam-se n'uma gargalhada grandissima; o nariz, um espigão enorme, terminava em ponta e, depois de descrever um arco, descaia sobre a boca; as sobrelhas eram dois carregados traços negros que desciam obliquamente para se ligar á raiz do nariz, e nos salientes pòmós da face o artifice deixou uma quantidade tal de vermelhão que materialmente todo o rosto parecia congestionado por effeito do riso.

Quedei-me alguns minutos contemplando aquelle objecto funambulesco, cuja justificação em logar tão solemne e de gravidade não podia explicar-me.

A cavidade dos olhos, negra e profunda, atraía-me de tal modo que cheguei a ter a illusão perfeita de que a mascara me olhava; parecia-me ver umas pupillas grandes e mysteriosas que se fitavam em mim para rir e escarnecer descaradamente.

Fiz um poderoso esforço e afastando os meus olhos dos seus, observei então um pormenor em que ainda não tinha attentado.

A mascara tinha, no que poderiamos chamar a *fronte*, varias manchas obscuras e pequeninas, d'um aroma indefinido. Quando reparava n'isso, tratando de averiguar o que poderia ser, surprehendeu-me a entrada do meu amigo, o doutor.

—Mande vir para aqui o café; palestraremos das nossas coisas em quanto apurarmos uma chicanera de moka, — que lhe parece? Agrada-lhe?

—Perfeitamente, repliquei distraido.

—Que é isso? que tem, que está tão preocupado? Ah! imagino o que é... Teve a tentação de estar contemplando aquella mascara, e arde na curiosidade de saber a historia e seus antecedentes.

—E' certo; para que negar?

—Parece-me isso naturalissimo; a todos que me visitam succede o mesmo e, ainda que seja pela centesima vez, não tenho inconveniente em referir-lhe a historia d'esse pedaço de cartão, que conservo como um grande documento humano e como tesmunho de um dos *casos* mais originaes que se me tem offerecido durante a minha larga carreira. Sentemo-nos.

*
Começamos a tomar café e entre gole e gole, eis o que o doutor me contou:

—Não ignora o meu amigo que ha seis annos, proximamente, estava eu prestando os meus serviços como medico do partido mu-

nicipal em dois bairros da cidade. Uma noite, terça feira de carnaval por certo, fazia eu o meu giro do costume, visitando alguns doentes de gravidade; depois recolhi. Só, no meu consultorio, junto do fogão em que ardia um bom brazido, procurava na leitura d'uma Revista, a resolução de certos casos então muito discutidos na therapeutica. Seriam proximamente duas horas da madrugada;—chegava-me o rumor confuso da rua por onde passavam alvorçados grupos alegres, que o vinho fazia vozearem e rir escandalosamente. Sabe o meu amigo que, proximo da minha casa, está o theatro, onde todos os annos ha uma serie de bailes de mascarar, frequentados por toda a gente,—alta e baixa. Procurava distrair-me, elucidando-me sobre as sumptos da minha profissão, quando subitamente ouvi grande clamor de vozes e grande tropel de passos na escada.

Larguei a revista e passei logo para a casa immediata, que era o meu gabinete de operações. Nesse momento entravam dois moços confundindo uma maca, que deposeram no meio da casa. Era um ferido. Sem perda de tempo dispuz tudo para proceder ao curativo que fosse necessario;—e não occultarei o estranho effeito que me produziu ver sobre a enxerga d'aquelle anticipado esquite, o corpo de um homem vestido de *piérot*, e com aquella mascara que ali vê, que opprimia fortemente n'uma contracção muscular da mão direita. Intentei arrancar lha, mas foi inutil. Um dos policias civis que vinham, disse-me então:

—Não se incomode, senhor doutor, por mais que fizemos, foi impossivel. Quando recebeu a navalhada que tem no pescoço, sem soltar um gemido, nem um gesto de dôr, levou a mão á mascara e apertou a fortemente ao rosto. E ve o assim todo o caminho.

Compreenderá o meu amigo que me teria sido facil despojar o da mascara; mas não sei que secreto instincto me forçou a respeitar o segredo d'aquelle moribundo...

Pratiquei o penso com todo o esmero possivel, não obstante a certeza da inutilidade dos meus esforços. Aquelle homem tinha recebido um ferimento mortal e a minha obrigação consistia unicamente em polo em condições de ser transportado para o hospital com algum resto de vida. Em quanto desempenhava a minha tristissima missão, o policia fazia-me a historia do acontecimento, e eis o que vim a saber pelo seu relato.

«O baile estava no maximo esplendor da animação, á hora e meia; era impossivel dar um passo no salão. e quando a orchestra tocava alguma valsa, os pares apenas podiam marcar o compasso.

«Desde as primeiras horas, chamava a atenção dos bengaleiros, dos creados e da policia um mascara que percorria sózinho todo o theatro, trajado de *piérot*, e parecia procurar alguém que não encontrava.

Decorria a noite sem incidente algum, excepto esses pequenos alvortos que são de rigor nos bailes d'esse genero, quando de seu bito se arma um grande redemoinho de gente n'um extremo do salão. Ouvira-se um grito de mulher e viu-se dois homens lutando desesperadamente. Quando a auctoridade quiz intervir, a mulher, que vestia dominó azul, tinha desaparecido, um dos contendentes lutava por abrir passagem e no pavimento jazia ferido o *piérot*, cujo amplo *costume* de listas brancas e pretas inundava-se de sangue que aos borbotões saltava d'uma ferida. Ninguem, nos primeiros momentos, sabia explicar como se commetteu a crime; depois tudo se soube. A victima era um marido ultrajado. Zeloso de sua honra, diligenciou surpreender a adúltera, e no momento de ver patenteada a certeza da sua traição, ella propria provocou a rixa que tão funesto desenlace teve para o offendido.»

Até aqui, o que me contou o

policia. Quando o ferido foi transportado para o hospital, quasi expirante, e fiquei só, caí em profundas meditações. Seguramente, aquelle homem levou o pundonor até o limite de querer occultar uma vergonha que lhe causava ainda mais damno que a navalhada que recebera. Desde então não se me apartou da minha imaginação. Ainda me parece vel-o no momento do curativo... em vez do gesto tragico da dôr, tinha perante a vista o selo, o vinco horrivel d'essa grande gargalhada.

Morreu no dia seguinte, no hospital, e não sem grande trabalho consegui d'esse estabelecimento a mascara que ali vê.

Ahi tem explicada a sua historia e a razão porque a conservo collocada entre os meus documentos mais importantes. As manchas de sangue são produzidas pelos dedos da mão com que sujeitava a mascara. Não soube se era moço ou velho, nem me importa. Basta me conservar essa mascara: para mim representa um poema d'amor que termina com a morte. A sua gargalhada é a maior expressão de dôr que tenho visto!

Francisco Mystério.

Epistola a um director arte nova

I

Quem não quer ser lobo... (Sabedoria das Nações).

Amorosa creatura:

Agora que a cornucopia da Fortuna destravou sobre ti, cummulando-te de favores e a concumtancia pignoreticia das circumstancias te guindou ás altas congeminencias da celebridade barata, agora que, tocado pela magica varinha do conselheiro Ramires, te metamorphoseaste de terna bonina dos prados em frondente carvalho, de pygmeu em gigante, de *incolor opportunista* em *progressista militante*, dize nos á puridade, quaes as bulas que te fizeram tão gloriosamente ascender ás resplandecencias da direcção de um estabelecimento de ensino. Tu, tão modesto!

Elucida nos, gentil amor!

Sabiamos-te, é certo, mais sabio e experiente que o proprio Satan, e pelo menos tão dedicado a qualquer partido como o conego Nogueira, mas d'ahi a imaginarmos te capaz de cruzares o ceo da sciencia burocratica em aspiralados vôos de aguia, que enorme differença.

Mas não penses que vamos dizer que não tens illustração para o desempenho do teu honroso cargo. Longe de nós tal idéa! Bem sabemos que, *a priori*, te podes considerar mais illustrado que a ultima edição da Historia de Portugal illustrada. Não! Nós, coisa alguma diremos em teu decabono!

O que pedimos, o que supplicamos, o que imploramos da tua amizade é a explicação de tão obnoxio caso!

Nós passavamos por ti e viamos-te sempre

«tão pequenino e tão brejeiro»

qual a razão porque nos sabiste agora tão desmedidamente grande e tão supinamente... *ralazana?*

Nós a julgarmos te na confraria de *Jesus Christo Hintze Ribeiro*, mercê de sempre te vermos tão protegido por S. João José Ferreira Netto e tu, afinal, eras mais progressista que os proprios progressistas!

Nós a crermos-te um eleito, um propheta, um illuminado, um sabio, um justo, um bom, quasi um santo, e vae senão quando saes-nos apenas um grande magico!

Nem queremos crer que tão grande cataclismo cahisse sobre a facção regeneradora!

Agora que entre os *fieis* corria a fama que pouco a pouco se encarregara de transformar te em S. Pepino, Papa, tu, já prestes a ganhar o ceo da *reforma*, tu, induzido pelo espirito malefico d'um jovem prodigio, tu, o douto, o sabio, o experiente, o justo, o illuminado, o santo, olvidas a leal camaradagem com que sempre te hon-

ram os regeneradores e desertas dos arraies da opposição para ir arranchar com o governo!

Oh! Cruel Amor! Como n'esta hora angustiosa nos relembram os protestos de que eras tu só, mais regenerador que quantos regeneradores tem havido e ha de haver n'este mundo de Christo!

Que vae ser d'elles sem ti?

O lobo governativo tirou lhas a melhor das ovelhas! Choraes, filhos de Sião! Choraes fadistas. choraes!

Choraes filhos de todos os paes, que sobre vós cahirá o sangue derramado, porque aquelle Amôr, o sapiente, o justo, o magico, desertou e subiu, surgindo director feito á faca.

Cubramos de cinzas o nosso craneo e tu, sublime Amôr, se aos altos ceos da tua gloria chegar minha humilde voz, lembra-te que tens em mim, e apesar de tudo, um dedicado amigo. Se não souberes encher o recibo do teu novo cargo, conta incondicionalmente com o teu

FLAMINIO.

ESTRADA DE ODELEITE

Pelo *Seculo* de 17 do corrente veio nos a noticia de que se vae proceder ao estudo do troço da estrada districtal de Mertola a Villa Real de Santo Antonio, entre Odeleite e Azinhal, no concelho de Castro Marim.

A baleia não é mal mettida, mas é muito provavel que não surta effeito porque o publico já não vae assim com promessas de marca falsificada, pagas a tanto por linha nos jornaes de maior informação.

O paiz deve ao Fuschini um grande serviço com a voga que o mesmo illustre parlamentar soube dar á phrase *para inglez vêr*, celebrada n'um seu *aparte* de parlamento e que muito bem se applica á farfalhada de certos politicos de pechisbeque.

E' o caso da promessa de estudos á estrada de Odeleite. Verdade é que se confirmassem todas as noticias de estudos e construcções de estradas que tem apparecido na imprensa, já á esta hora não haveria em Portugal estrada alguma a fazer. Mas infelizmente assim não é e das mil promessas de estudos e construcções que se annunciam, apenas, dos primeiros, se fazem algumas dezenas em vespas de eleições e, das segundas, uma ou outra se constróe de seculo a seculo.

O partido progressista quer agora obter as boas graças dos povos de Odeleite e redondezas, annunciando aos quatro ventos da publicidade o proximo estudo d'aquella estrada que, para os referidos povos, é da maior importancia e necessidade.

Mas elles sabem bem que o partido progressista é o que mais acintosamente tem abandonado os interesses d'aquella região, a ponto de serem magnates d'esse credo politico os proprios que induzem as auctoridades locais á pratica dos muitos desvarios que por lá se notam.

Elles sabem bem quem estimulou o ultimo municipio de Castro Marim a proseguir na construcção illegalissima do lanço da estrada municipal comprehendido entre a ribeira do Belixe e a aldeia do Azinhal, e, anteriormente, os dois lanços antecedentes, em que vão gastos mais de seis contos de réis.

E agora querem emmendar a mão com a tal noticia... *para inglez vêr*.

O peor é que aquella gente não é ingleza; é portuguezissima de lei.

O HERALDO é o jornal algarvio mais barato e de maior circulação.

FESTA

Realisa-se no dia 1 do proximo mez de junho na igreja de S. Francisco, a festa do immaculado coração de Maria, e a festa da Hora, que ha muitos annos não se realisa.

Tanto uma festa com outra é mandada realizar pela philharmonica 1.º de Janeiro de 1896.

III.º e Ex.º Sr. Ministro dos Negocios do Reino

III

A minha exoneração da direcção da escola d'ensino normal de Faro, revestindo o completo caracter d'uma perseguição excepcional, violenta, desnecessaria e improficua, foi aggravada pela nomeação singular d'um professor primario reconhecidamente incompetente do que, aliás, não tem responsabilidade legal, para me substituir.

As direcções das differentes escolas do paiz são exercidas ou por professores das escolas normaes ou por professores do ensino secundario ou finalmente por individuos com diplomas, de cursos superiores. Esta é por tanto uma excepção e como tal ficou dirigida por um doente de ensino primario.

Se este acto arbitrario visasse pelo menos a satisfazer um amigo politico, poder se hia comprehender, embora Jules Simon dissesse: *Sacrifier les écoles. si peu que ce soit, c'est une entreprise bien hardie. Il faut que les exigences de la politique soient bien imperieuses pour expliquer ou pour atténuer ce qu'il y a de grave dans une telle entreprise.* Ora aqui houve sacrificio do ensino primario da provincia sem haver exigencia da politica. O professor Lino Amores na bem poucos mezes foi, pelo governo anterior, beneficiado com a nomeação d'uma filha para a escola de Pechão; o seu procedimento d'então estava perfeitamente justificado nas palavras do alienista Maudsley, transcriptas na minha carta 2.ª Por essa occasião dizia a todos, mostrando o telegramma de communicação do despacho, que era regenerador. Agora foi feito progressista á—faca—pelo sr. Frederico Ramirez. Mas o que importa que o actual director seja regenerador ou progressista? O que vale um pobre inconsciente, que nem do seu voto pôde dispôr? Foi realmente uma acquisição de valor feita para o partido progressista! Mas não conserve o auctor da minha exoneração a fracca illusão de ter adquirido um bem mais fraco correligionario.

Substituida que seja a actual situação por uma regeneradora, ver-se-ha logo o agraciado e outros seus amigos politicos fazendo nova profissão de fé. O peor será que o confessor os não poderá entender por fallar linguagem muito differente. Nada nos importaria a satisfação d'esta phantasia politica, ou como quer que seja, se ella se não traduzisse em graves prejuizos futuros pelos quaes não me caberá a mim responsabilidade alguma. Esta odiosa excepção ficará registada na memoria do professorado do Algarve que desde a criação da escola ligara á palavra director uma significação claramente justificada, não direi em mim, mas no meu illustre antecessor. Esta significação foi agora unicamente nesta escola, diluida no esterqui lineo do escarneo e da irrisão. Os factos ahi estão e elles melhor do que eu, poderão attestar das minhas asserções. Impendia sobre mim o inadiavel dever de justificar-me e de tornar conhecido este bello trecho da rapida passagem do sr. conselheiro Frederico Ramires pelo governo civil do districto.

Terminarei pois permitindo-se-me a immodestia de apresentar a relação succinta de todos os objectos adquiridos por mim durante a vigencia da minha direcção para a escola da qual fui exonerado por conveniencia do serviço.

3 secretarias, 5 estantes envi draçadas (sendo uma offerecida por mim).

36 cadeiras (sendo 24 compradas parte pela verba do expediente e parte do meu bolso).

12 cadeiras de ripado para as crianças da escola annexa.

4 quadros pretos (sendo um de ardostia), 1 relógio, 1 mesa para talhar para a escola de labores, 2 esferas, 5 candieiros de acetylene, 2 candieiros de petroleo, 18 carteiras (sendo 6 para a escola annexa), 1 cabido corrido, 18 bancos, 1 carimbo, 1 sello branco, 1 tinteiro escrevaninha de metal (of-

ferido por mim), 2 de vidro, 1 espanador de pennas, 2 campainhas, 1 machina de pedal para costura, 2 caixas do systema Fræbel para o ensino do calculo, 4 cadeiras de braços, 48 barras ou varas de madeira, 12 massos de madeira, 1 urna de folha, 1 estrada, 1 regador, 1 quadro mural para o ensino da economia, 50 quadros muraes para o ensino de zoologia, industrias e artes, 10 mapps de lições de leitura, 2 colleções de mapps geraes (sendo 1 offerecido por mim e bem assim um mappa de Portugal, 1 mappa da provincia do Algarve igualmente offerecido por mim), 3 vol. do dic. universal de Educação e Ensino, 2 vol. de physica Benevides, off. por mim, 1 vol. de Raposo Medeiros, off. por mim, 1 grammatica franceza, off. por mim, Exerc. et travaux de Delon, off. por mim, 2 vol. 1 vol. Element d'arithmetique off. por mim, 2 vol. Lições de pedagogia, off. por mim, 2 vol. Historia agrada, off. por mim, 1 vol. Dicc. Unnivers. de Histoire et Geographie de Buiellet, off. por mim, 6 vol. Historia de Portugal. 1 dicc. frances, 2 vol. Litteratura franceza, off. por mim, 1 vol. Dicc. raioné des difficultés de Larcaux, off. por mim, 1 vol. Manuel d'exercices gymnastiques et scolaires, off. por mim, 1 vol. Lectures pratiques de Humbert, off. por mim, 1 vol. Lectures expliqués, off. por mim, 5 vol. Le Zoologie de Pape Carpentier, off. por mim, 1 vol. de travaux de couture de Geraux, 3 de La mode pratique. Historia de Litteratura de Theophilo Braga, off. por mim, 5 vol. Lectures Historiques, 3 vol. Histoire universelle, off. por mim, 26 vol. da bibliotheca do povo. 3 vol. de histoire naturelle. 1 guia do ensino da grammatica, off. por mim. 1 colleção completa de zoologia botanica e minaralogia. 1 colleção de artigos do uso comum para o ensino de desenho e para o ensino da vista e do tacto.

Accrescentarei que a pequena bibliotheca foi iniciada por mim. Que a escola annexa foi installada por mim, e que todos estes objectos acima relacionados foram alcançados por meu esforço do municipio ou comprados á custa da verba do expediente ou comprados do meu bolso.

Tal foi pois a gerencia nociva do funcionario que mereceu exoneração por conveniencia de serviço. Esperaremos.

Faro, 21 de maio de 1905.

João Rodrigues Aragão.

A SCISÃO

N'esta provincia algarvia O progressismo anda louco Sem saber—oh! que arrelia!— Se ha de ir com o José Bacôco, Se ha de ir com o José Maria.

Um d'elles não tem chefia E o outro é já muito mouco... Consulta-se a confraria: —Vencerá José Bacôco? —Vencerá José Maria?

E n fallada freguezia Houve ponta-pé e sócco... Que grande pancadaria! Um queriam José Bacôco E outros o José Maria.

E enquanto d'esta avaria A certeza, a pouco e pouco Não viér á luz do dia, São todos José Bacôco, E tambem José Maria.

Mas se alguma portaria Pôe sob a guarda do mouco A tal *cevadocracia*, São todos José Bacôco E nenhum José Maria.

Se o caso se contraria E de benesses a trôco O outro apanha a chefia, Nenhum é José Bocôco São todos José Maria.

Cevada: é a garantia, Cevada: o desejo louco, Cevada: a economia, Cevada: José Bacôco, Cevada: José Maria.

JOÃO TRISTE.

UM MYSTERIO

Diluido no ar effluvos de *reseda* ella subiu, ligeira como uma ave sita, numa fluctuação leve de plumas e rendas que a demudavam em deliciosa visào, a escada atape-tada do hotel; impelliu com a mão sinha microscopica, *gantée de suède fine*, a porta de batentes doirados, atravessou um vestibulo e penetrou na sala de jantar.

Era á hora da refeição. Sobre a mesa, entre opulentos ramos de flôres, sintillações de vidros e irisados reflexos de vinhos, iguarias fumegavam...

Assim que ella appareceu, ouviu-se um prolongado *Ah!* de admiração. Todos paravam de comer; um velhote deixou até cahir desastradamente a colher cheia de sô pa.

Damas e cavalheiros ficaram tão assombrados com a radiosa presença della como se ali, naquella sala de hotel provinciano, tivesse acabado de cahir uma estrella!

E era precisamente uma *Estrella* que ali havia baixado.

Mademoiselle Paquerete, uma verdadeira celebridade artistica, uma das glorias da Italia, um *soprano* maravilhoso, partia para Lisboa afim de realizar em S. Carlos as recitas para que fôra contratada.

No caminho, porém, ao chegar á fronteira, sentura-se dominada por um *spleen* atroz, horrivel, enfadonhamente detestavel!

As longas viagens no expresso haviam-na fatigado; deliberou evita-las e, guiada pelo seu irrequieto espirito de aventureira, avida de sensações novas e desejando conhecer as paisagens d'este lindo paiz onde o sol tão deliciosamente avelluda as flôres e loirja as ceáras, resolveu fazer o trajecto demorando-se nas localidades em que houvesse hotéis.

Assim viera allí parar e, sem lhe importarem as curiosidades de que era alvo nem o pasmo estampado em todos os rostos, exclamou, dirigindo-se ao dõno do hotel, com uma voz argentina, bem timbrada e harmonica:

—Depressa! Condusa-me ao quarto de banho e mande-me vinte garrafas de Champagne!

Os commensaes entreolharam-se admirados; vinte garrafas de Champagne! O proprio dõno do hotel permanecia indeciso, boqui-aberto... sem atinar para que seria tanto Champagne!

A gentil mulher, porém, com um adoravel sorriso, supplicou:

—Não se demore! Não faço questão de preço! Mande-me Champagne do melhor! Compreendo a sua estupefacção! Não é vulgar encontrar-se quem tome banhos de Champagne... pois tomo os eu,

Paquerete Villard, actriz cantora... Habituei-me a elles, fazem-me bem, não posso dispensa-los.

O dõno do hotel deu as ordens precisas e, precedida por ums creada, a jovem actriz seguiu ao longo do corredor perdendo-se o seu vulto airoso numa penumbra suave...

E logo se rompeu, á mesa, aquelle silencio que incommodava.

—Estas comicas, exclamou um sugeito gordo e rubro, typo de negociante endinheirado, sempre teem cada extravagancia! Banhos de Champagne! Chega a parecer impossivel!

—Impossivel, sim! Confirmou sentenciosamente uma senhora muito magra, hirta no seu espartilho e em cujo rosto alastrava uma desagradavel cõr de laranja.

—O que ellas gostam de Champagne!

Mais que o demonio gosta de almas! exclamou um prior que até então se entretivera retrincando uma fêbra mais dura... Elle já lhes sabia da predilecção mas o que jamais suppusera fôra a existencia de creaturas que despredicassem um tão precioso liquido em lavagens intimas! e dava estalinhos com a lingua como a apreciar o Champagne, enquanto os olhos lhe faiscavam de intemperança! Oh! Até lhe parecia peccado, uma coisa assim!

Mas, outros creados, serviram novos pratos. Um assado volumoso e loiro começou a ser cortado.

As referencias á jovem contõra dissiparam se entre os louvores ao bom *servicinho do hotel!*

Oh! Ali sim! Estava se bem! Muito bem! Havia acceio! A comida uma perfeição! delicioso o vinho! O cosinheiro esplendido!

Para tudo ser bom, nem os creados se amuavam quando algum hospede mais forreta os não gratificava e até o dono era consciencioso ao passar a conta aos hospedes...

Estavão á sobremesa quando a gentil actriz reapareceu.

Parecia uma camélia transformada em mulher! Resplandecente na sua luminosa belleza, rescendia frescura o seu corpo flexivel e todo envolto num amplo roupão de musselina de seda branca...

—Que linda rapariga! grunhiu por entre os dentes o negociante; o padre olhou a com um olhar guloso... as damas remiraram-na com ares de affectada indifferença...

Paquerete, porém, não se incommodava com taes olhares. Sentou-se á mesa e começou a jantar.

Assim que teve ensejo, o dono

do hotel sahio da sala; aquella extravagancia do banho de Champagne custava-lhe a comprehender... introduziu-se no quarto da actriz, queria ver, decifrar o enigma.

As garrafas com os seus rotulos reluzentes estavam desrolhadas e vasias, num abandono de exercito destroçado, junto da tina ampla.

Não havia que duvidar! e espreitou curioso para dentro da tina... o esmalte do fundo perdia a sua brancura sob o veu pallidamente amarelado e liquido do Champagne o

Que despredicio! E que acceio de mulher! Nem uma impureza maculava a transparencia daquelle liquido que tivera, na sua insensibilidade, o prazer de servir de refrigerio ao corpo luminosamente bello da formosa actriz!

Um Champagne carissimo! e lançou mão á valvula para esvasiar a tina... mas, como que arrependido, deveu-se exclamando:

—Sou o maior de todos os imbecis! Ia inutilisar este precioso liquido como se fosse de agua da cisterna! Já é preciso ser falho de esperteza!... e monologando assim, o dõno do hotel, começou enchendo, uma por uma, juntando o gargalo á torneira da tina, as garrafas esvasiadas! Que bello negocio! Que optima ideia!

E o Champagne escorria, cantante e quasi espumoso ainda, para as auriluzentes garrafas. Um verdadeiro negocio da China! Muitos banhos daquelles e arranjará um bom peculio!

Grande, porém, foi o espanto do industrioso dõno do hotel quando, já completamente cheias as vinte garrafas, reparou que no fundo da tina, transparente e diaphano, havia ainda *Champagne* para encher mais duas ou tres...

LYSTER FRANCO.

De Villa Real

A questão do local da estação do caminho de ferro n'esta villa não é uma questão politica... é uma questão de interesses.

Por isso mesmo não são os politicos que a discutem. São os interessados. A este respeito pode dizer-se que o partido progressista local tem dentro de si uma *commis são de fazenda* que talvez faça es toirar alguma *scisão*. A moda péga... e nós vamos ter muito que rir.

—Continua commoda e regaladamente installado no seu palacio de governador o nosso velho amigo major Marcos Mendes Correia. Que deliciosissima casa e que soberbos aposentos!

N'um sitio magnifico e com ex-

cellente desafogo, vive-se ali n'uma felicidade de nababo.

E de *gratuites*, menino, e de *gratuites!*

JOÃO DA RAIA, JUNIOR.

ARMAÇÕES DE ATUM

Peixe vendido nas diversas lotas do Algarve desde o dia 17 a 23 de maio de 1905

Villa Real

Abobora, 191 atuns, 57 atuarros e 170 cachoretas, vendidos por réis 1:248#065

Medo das Cascas, 205 atuns, 19 atuarros, vendidos por 1:203#063 réis.

Barril, 106 atuns e 36 atuarros, vendidos por 687#832 réis.

Livramento, 206 atuns, 43 atuarros 6 albacoras 95 cachoretas e 368 sarrações, vendidos por réis 1:270#577.

Bias, 192 atuns e 22 atuarros, vendidos por 1:103#413 réis.

Ramallete, 939 atuns, 99 atuarros vendidos, por 6:052#038.

Medo Branco, 342 atuns, 178 atuarros e 16 albacoras, vendidos por 3:213#879 réis.

Forte Novo, 392 atuns, 149 atuarros e 4 albacoras, vendidos por 2:929#706 réis.

Olhos d'Agua, 463 atuns, 65 atuarros e 9 albacoras, vendidos por 2:966#829 réis.

Senhora da Rocha, 266 atuns e 56 albacoras, vendidos por réis 1:921#957.

Cabo Carvoeiro, 369 atuns e 33 atuarros, vendidos por 2:277#540 réis.

Torre da Barra, 236 atuns, 127 atuarros e 8 albacoras, vendidos por 1:678#706 réis.

Torre Alinha, 54 atuns e 9 atuarros, vendidos por 284#625 réis.

Beliche, 77 atuns e 27 atuarros, vendidos por 529#041.

Atalaya, 256 atuns, 136 atuarros e 3 albacoras, vendidos por 2:055#248 réis.

Oihão

Senhora da Rocha, 27 atuns e 4 atuarros, vendidos por 182#700 réis.

O HERALDO

A falta de espaço obriga-nos a retirar d'este numero a continuação do artigo de Malheiro Dias sobre a *Sabina Freire*, uma carta de *Pedro sem genio*, versos de Salazar Moscozo, as cartas habituaes de Lisboa e Faro a mais original.

Que nos desculpem escriptores e leitores.

Sulphato de cobre e enxofre PARA TRATAMENTO DE VINHAS

Vende-se, de primeira qualidade, nos armazens de

JUSTINO A. FERREIRA
31—R. NOVA GRANDE—3E
246 TAVIRA

BURRA

VENDE SE uma burra de marca grande, cõr preta e em boa idade, propria para alugar e trabalhar no campo com os seus pertences para uma e outra coisa. Quem pretender dirija-se a Joaquim Antonio de Mendonça Portella, Tavira.

261

Bordados. Executam-se com a maior perfeição e por preços convidativos todos os bordados a branco. Dirigir os pedidos a D. Januaria. Mathews, rua das Freiras—Tavira.

254

Propriedade. Vende-se uma no sitio de Santa Margarida: constando de terras de semear, alfarrobeiras, amendoeiras, figueiras e outras arvores de fructo. Trata se com João Possidonio Guerreiro. Praça da Constituição.—Tavira. (264)

COLETES DE PHANTASIA

INDOS cortes para verão. Em todos os generos. Preços modicos.

PEROLA DE TAVIRA

J. V. Mansinho

Na Praça (265)

RHEUMATISMO,

o modo mais rapido de cural-o!

O rheumatismo é uma das torturas modernas mais sensiveis. Elle destroe todo o prazer que faz valer a pena viver — tão continuas e tão agudas são as dôres! Se apparece com complicações, tanto peor para a victima, até que a hora feliz chega, quando se experimenta a Emulsão de Scott. Desde o momento da primeira dose, o rheumatismo principia a ser derrotado. O caso do filho do Senhor Rocha dá um exemplo vivo d'isto, do rheumatismo e do modo mais rapido de cural-o — a Emulsão de Scott. Tomae nota da perfeição da cura feita pela Emulsão de Scott!



EURICO DA ROCHA.

RUA FARIA GUIMARÃES, No. 263.

PORTO, 8 d'Outubro de 1903.

Venho por este meio attestar que o uso que meu filho Eurico, de 10 annos de idade, fez da Emulsão de Scott, produziu contra o seu rheumatismo resultados completos que eu nunca esperava ver, e que hoje elle se encontra completamente curado d'essa enfermidade. Ante estes resultados estou convencido de que a Emulsão de Scott é um inimigo do rheumatismo nas crianças, o qual ella aniquilio por completo.

(Assignado) JOSÉ JOAQUIM DA ROCHA.

Não ha necessidade de explicar o modo como a Emulsão de Scott consegue estas curas; certamente, é sufficiente para qualquer soffredor saber qual é o remedio: Elle é a Emulsão de Scott! O filho de Senhor Rocha curou-se do rheumatismo por meio da Emulsão de Scott. A Emulsão de Scott faz isto para todos, sempre o faz e fal-o-ha para vós!



COMPANHIA DE MOAGEM FARENSE

SOCIEDADE ANONYMA
RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL: 100:000\$000 RÉIS

DIVIDIDO EM 2:000 ACCÇÕES DE 50\$000 RÉIS

Os subscriptores que quizerem inscrever-se como accionistas podem até ao dia 15 de junho indicar na séde da Companhia, rua Conselheiro Bivar, n.º 58, o numero d'accções que desejam adquirir.

Para suavisar as entradas aos subscriptores serão ellas feitas assim:

25 0/0	30 DE JUNHO
25 0/0	30 DE AGOSTO
25 0/0	30 DE OUTUBRO
25 0/0	30 DE DEZEMBRO

A fabrica deve estar prompta em setembro do corrente anno.

Faro, 24 de maio de 1905.

Os Directores,

Francisco de Souza Archanjo.
Francisco Martins Caiado.

NOVIDADE LITTERARIA

JOÃO LUCIO

O MEU ALGARVE

(VERSOS)

A' VENDA

MUITOS MEDICOS JA AS RECEITAM

Mais de 200.000 pessoas curadas com as

PILULAS MATA SEZDES

Para febres, sezões e maleitas
(Marca registada)

Estas pilulas são cura radical, tanto para adultos como para creanças de 2 até 10 annos; não tem dieta. Cada caixa contém um papel que ensina como se deve tomar; pode-se comer de tudo. Temos mais de 2.000 certificados, achando-se já alguns nos depositos abaixo mencionados, para quem quizer ler.

Damos 10\$000 réis á pessoa que prove que fez uso das pilulas Mata-sezões e não tirou resultado.

Caixa com 6 pilulas . . . 240 réis
" " 12 " . . . 400 "

XAROPE GROZELHA COMPOSTO

Cura todas as tosses, bronchites e catharro; frasco, 300 réis; nos outros depositos, 340 réis.

Vende-se em Abrantes na loja do sr. Antonio Augusto Salgueiro; Salvaterra de Magos; Sobral de Moura; Arronches; Chamusca; Benavente; Pombal; Portalegre; Alcacer do Sal; Caramujo; Ponte Sor; Canha; Coruche; Aguas de Moura; Aldeiallega do Ribatejo; Carregado; Porto de Muge; Muge; Vera Cruz; Riachos; Almeirim; Aljezur; Figueira da Foz; Leiria; Redondo e Arganil.—Em Lisboa: nas seguintes drogarias:—Barros, rua dos Condes, 20; Cruz e Sobrinho, rua da Magdalena, 42; Vasco & C.ª, rua dos Bacalhoeiros, 74; Silva, Campo das Cebolas, 5, e mais drogarias.

VENDE EM TAVIRA LUIZ ARNEDE

Com um postal de 10 réis e 25 réis para um vale do correio pode-se obter até 4 caixas pequenas ou 2 grandes, ou 6 a 12 frascos de xarope

DEPOSITO GERAL

DROGARIA MARTINS

SANTAREM

234

Venda de trens, cavallos e mobilia

Vendem-se alguns trens taes como: caleches, mylorde e vis-à-vis; alguns mezas de quartos, leitos de ferro, lavatorios, 1 aparador, 1 guarda-roupa, 1 grande fogão de fogo central, com forno, estufa e caldeira de cobre para agua, mesa elastica, lavatorio com deposito para agua, 1 espelho de sala e uma cama de madeira completa. Quem pre ender dirija-se ao seu proprietario João Antonio.—Tavira. 214

UMA BIBLIOTHECA

SEM PRECEDENTES

Pelo seu character selecto e pelo preço dos seus volumes: 100 réis, pode isso dizer-se da bibliotheca que, subordinada ao titulo de *Livraria Classica, obras primas da litteratura antiga e moderna* vae lançar no mercado, brevemente a casa editora «Artes & Letras, cuja direcção litteraria está a cargo do nosso collega da *Folha da Noite*, Alvaro de Castro Neves.

Destinada a fazer penetrar no povo o conhecimento de todas as verdadeiras maravilhas litterarias que o genio em todos os paizes tem produzido, immortalizando-se e immortalizando a sua patria, a *Livraria Classica* tem um elenco d'obras verdadeiramente suggestivo e brilhante, vendendo-se entre ellas as obras dos tragicos gregos, as de Shakespeare, Molière, Goethe, sem esquecer as principaes da nossa litteratura e as dos mais modernos actores, como Ibsen, Tolstoi, Hauptman, Sudermann, Strindberg.

E' incontestavel que a *Livraria Classica* vae ser um successo d'edição.

Companhia de Pescarias do Cabo e Ramalhete

Vendem-se viate acções d'esta Companhia. Trata-se com José Maria dos Santos.

Ferrejos. Vende-se uma porção no quintal da Galeria. Trata-se com Verissimo Pereira Paulo.

Nova assignatura

permanente

PARA

O NOVO DICCIONARIO

DA

LINGUA PORTUGUESA

PELO DR.

CANDIDO DE FIGUEIREDO

O novo dictionario termina por um rapido mas interessante appendice geographico, com a maioria dos nomes que andam adulterados nos livros de geographia, no ensino publico, na linguagam commum, etc.

A obra completa, á venda na nossa livraria, consta de dois volumes, de cerca de oitocentas paginas cada um, muito bem encadernados, que custam apenas

3\$000 RÉIS

Por assignatura: Réis 600—cada tomo de 114 paginas—600 réis.

A distribuição pôde ser feita á vontade do assignante, semanal, quinzenal ou mensal, pois que estão publicados os 11 TOMOS de que a obra se compõe.

Assigna-se na livraria de José Maria dos Santos, Tavira.

SEGUROS CONTRA FOGO

A PREMIOS CONVIVATIVOS

e sem despeza alguma nem incommodo para os srs. segurados

Tomam-se por intermedio de

JERONYMO BOBONE

para acreditadas companhias estrangeiras ou nacionaes funcionando em Lisboa

Dirigir a correspondencia para a rua das Amoreiras, 95, em Lisboa. (217)

ANNUNCIO

Mathias Peres Rojo tem um trem para alugar. 210

Pipas avinhadas e mais accessorios d'uma adega, vende José Gonçalves Palmeira Senior & Irmão. Terreiro de Garção, Tavira. 225

HOTEL CONTINENTAL

(O HOTEL DOS ALGARVIOS)

O mais central e um dos mehores e mais baratos hoteis de Lisboa. Frente para o Rocio. Serviço de meza excellente.

Grandes Armazens de Novdades

AU PRINTEMPS

PARIS

O catalogo e as amostras dos tecidos de novidades para a estação de verão são enviados franco de porte a quem ós pedir em cartas devidamente franqueadas.

As encomendas e os pedidos de amostras podem ser dirigidos ao agente reexpedidor d'esta casa

A. VINCENT

19, LARGO DE CAMÕES-ROCIO-LISBOA

ALVELLOS & C.ª

Casa de Cambio, Loterias e Tabacos

16, PRAÇA DE D. FRANCISCO GOMES, 17 FARO

OS proprietarios d'este estabelecimento, acham-se sempre habilitados para fornecer jogo de todas as loterias da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, assim como para receber em troca o logo premiado de qualquer cambista de Lisboa.

A proxima loteria realizar-se-ha no dia 30 de maio. 195

Officina de canteiro e esculptura

DE

JOSÉ MARIA PAULINO FERNANDES

Encarrega-se de todo o trabalho pertencente á sua industria;

jazigos, campas, ornamentos, espelhos, banheiras, bancadas, marmores para moveis, etc.

LARGO DO CARMO

(5872) Faro

PINHEIRO & FILHO

Commissões e consignações Corretores de vinhos desde 1875

63, Rua do Miradouro PORTO

Encarrega-se da venda, por amostras ou á consignação, de qualquer quantidade e qualidade de vinho ou aguardente. 143

FAZENDAS PARA FATO

F. A. GOMES

20—RUA NOVA GRANDE—20

TAVIRA

GRANDE sortimento de fazendas para todas as estações, bonitos cortes de calças e colletes de phantasia, gabões d'Aveiro e capas. PREÇOS BARATISSIMOS

Calreiro. Precisa-se com pratica de fazendas e mercearia, que de boas referencias quem estiver nas condições queira dirigir-se a Piloto & Silva, Villa Real de Santo Antonio. (236)

PETROLEO

MERICANO de primeira qualidade vende-se a 3\$250 réis por caixa. Francisco de Souza Archanjo.—Faro. (237)

Empregado economico.

Pela quantia de 2\$500 réis mensaes, tem o commercio, industriaes e particulares de todo o paiz, e por 5\$000 réis, os das Ilhas, Africa e Brazil, um empregado afiançado, para satisfazer todas as suas ordens em Lisboa. Largo do Terreiro do Trigo, S. 1.º D.—Lisboa. (204)

Vende-se o dominio directo de um fôro de 22\$500 réis, annual, com vencimento em 3 de agosto, imposto na fazenda da Capellinha que trazem em venda os srs. padre Piedade e irmão. Quem pretender entenda-se com Gonçalo Ferro. O mesmo vende tambem uma courela de fazenda no sitio da Capellinha com terra de semeadura e oliveiras, alfarrobeiras, amendoeiras e figueiras, com casa, cavallariça e palheiro. Vende tambem umas casas na rua de S. Braz com 8 compartimentos, quintal, cerca e cavallariça com sabida para o Alto de S. Braz, d'esta cidade. 198

Vende-se uma propriedade no sitio d'Asseca, com horta e sequeiro e consta de casas de moradia, ramada e palheiro, alfarrobeiras, amendoeira, oliveiras, vinha e outras arvores de fructo.

Trata-se com Abilio dos Santos Bandeira, Tavira. 167

Casa. Vende-se uma casa alta com sala e saleta, tres quartos, casa de jantar, cozinha e duas copas, sobrado, soteia e dois armazens, rua Direita, 97, (frente para o rio).

Quem pretender dirija-se a Frederico Mil-homens. (185)

Acções. Vendem-se quatro acções da armação de Bias. N'esta typographia se diz.

Lezirias do Guadiana. Vende-se uma decima sexta parte d'estas lezirias. Quem pretender dirija-se a Matheus Teixeira d'Azevedo, largo da Graça, 82, 1.º—Lisboa.

VENDEM-SE 22 acções da *Companhia Tavirense de Moagens e Massas a Vapor.* N'esta redacção se diz. (206)

Potes de lata. Vendem-se ou alugam-se oito potes de lata de 70 alqueires cada um. Trata-se com Francisco Pedro Maldonado Senior, Tavira. 193

Carro. Vende-se um de quatro rodas com cabeça de couro da Russia, em bom estado e muito leve, proprio para um só animal. Trata-se com Joaquim de Mello Trindade.—Tavira. (154)

IMPOSTOS

O arrendatario do imposto de farinhas e todos os cereaes em Santo Estevão é o sr. José Pires Florencio, sitio da Igreja. 212

JOSÉ MARIA DOS SANTOS

LIVRARIA — TAVIRA

ULTIMAMENTE:

O Genio portaguez aos pés de Maria, O tiro de caça, Leonor Telles, Casamento de conveniencia, Positivos e negativos photographicas.

EM ASSIGNATURA:

Collecção Camillo Castello Branco, O Manual do Operario, Os ultimos escandalos de Paris.

Collecção Economica—Cada volume, UM TOSTÃO

Romances de Daudet, A. Karr, Bouvier, Malot, Ohnel, Jules Mary, Champsaur, etc.

100 RÉIS CADA VOLUME — ROMANCES BARATOS!

GUIA PRATICO DE ESCRITURAÇÃO E CONTABILIDADE

Commercial, bancaria, agricola e fabril

Pelo professor e perito commercial

Joaquim H. da Silveira Passos

Diplomado pela Escola do Commercio de Lisboa

ESTÁ em publicação semanal, em fasciculos, esta importante e util obra, destinada a habilitar, sem auxilio d'outros estudos e **sem mestre**, a organizar, seguir ou balançar a escripturação de qualquer casa commercial, bancaria, agricola ou industrial, a exercer habilmente qualquer logar de carteira e a concorrer com a precisa habilitação aos concursos de bancos e repartições publicas.

O guia pratico ensina a resolver cerca de mil problemas varios sobre escripturação e contabilidade e é dividido em dois volumes.

1.º volume — *Calculo*

Comprehende o ensino pratico das perações sobre: Numeros inteiros, decimales, quebrados, complexos, elevação a potencias, extracção de raizes, divisibilidade, systema metrico, regras de tres simples e compostas, regra da conjuncta, regras de companhia, de liga, de avarias, percentagens, juros, descontos, prazo medio, juros reciprocos ou juros de contas correntes pelos methodos directo, indirecto e hamburguez, cambios, juros compostos, annuidades, fundos publicos, papeis de credito e arbitragens.

2.º volume — *Escripuração*

Comprehende cinco modelos completos com todos os livros principaes e auxiliares, sendo todos os problemas acompanhados das mais claras e precisas explicações: 1.º modelo uma escripta pelo systema de partidas singelas; 2.º Uma escripta d'uma casa commercial, contendo oito mezes de operações diversas pelo systema de partidas dobradas, com tres balanços; 3.º Uma escripta d'uma casa de commissões e consignações; 4.º Uma escripta d'uma industria explorada por uma sociedade anonyma; 5.º Uma escripta agricola.

Preço de cada fasciculo em Lisboa e na provincia 100 réis. As assignaturas pode ser feitas por bilhete postal dirigido á empresa da publicação d'esta obra a Affonso d'Oliveira, rua do Arsenal, 108, 1.º, ou em Tavira, nos armazens de moveis de Jusino A. Ferreira, rua Nova Grande, 25 a 53. (138)

Propriedade. Vende-se uma no sitio do Fôgo, d'este concelho, constando de terras de semear, vinha, alfarrobeiras, amendoeiras, figueiras, oliveiras, etc. Quem pretender dirija-se a João Rodrigues Aragão, em Faro, rua Philippe Alistão.